



## Horizonte, v. 18, n. 57, set./dez. 2020

### Dossiê: Fundamentalismos e Democracia

#### Dossier: Fundamentalisms and Democracy

Daniel Rocha\*

Em 2021 completaremos 20 anos dos atentados de 11 de setembro. Enquanto o mundo inteiro observava atônito a destruição das Torres Gêmeas do World Trade Center, um conceito se tornou recorrente nas manchetes dos jornais e nos debates sobre as causas e significados daqueles atentados: fundamentalismo. Antes utilizado exclusivamente para designar setores conservadores do protestantismo norte-americano – apegados a interpretações literalistas dos textos sagrados e avessos às implicações da teoria da evolução de Charles Darwin –, especialmente a partir de 1979, com a Revolução Iraniana e a ascensão da Maioria Moral nos Estados Unidos, o fundamentalismo ganhou espaço nas reflexões acadêmicas como uma forma de “fé politicamente engajada” e um dos grandes desafios aos regimes democráticos e à laicidade do Estado no mundo contemporâneo.

Esta nova edição de Horizonte traz para seus leitores o dossiê **Fundamentalismos e Democracia**. A definição do que é fundamentalismo e os limites e possibilidades da utilização do conceito tem sido objeto de uma série de debates e controvérsias entre os estudiosos do tema.<sup>1</sup> Apesar disso, é praticamente

---

\* Doutor em História pela UFMG. Bolsista PNPd/CAPES e Professor Colaborador do PPGCR PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: danielrochabh@yahoo.com.br

<sup>1</sup> Ver Pierucci (1992), Rocha (2020) e Watt (2014).

um consenso entre os pesquisadores a existência de uma incontornável dimensão política do fundamentalismo religioso. R. Scott Appleby diz que nem todo religioso devoto é um fundamentalista, mas “um fundamentalista genuíno é, ao mesmo tempo, religioso e político” e crê que “as circunstâncias exigem que ele aja politicamente (e talvez com violência), com o objetivo de cumprir suas obrigações religiosas” (APPLEBY, 1998, p. 280).

Inspirados por suas interpretações dos conteúdos de seus textos sagrados, grupos fundamentalistas ao redor do mundo vêm demonstrando expressiva força política no alvorecer da terceira década do século XXI. E tal força se expressa na conquista de espaço dentro do processo democrático (com alguns políticos comprometidos com perspectivas fundamentalistas demonstrando grande viabilidade eleitoral), por meio da formação de *lobbies* e grupos de pressão junto ao poder público para defender seus interesses e valores e, em casos mais extremos, por meio da violência e do confronto com os poderes constituídos. Essas multifacetadas relações entre fundamentalismo e política, especialmente dentro de regimes democráticos, são abordadas pelos textos que compõem este dossiê.

O dossiê **Fundamentalismos e Democracia** é composto por 11 artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. O primeiro texto é **High on Jesus: US evangelicals and the counterculture**, de Axel Schäfer, professor da Johannes Gutenberg University, em Mainz (Alemanha). Discutindo o contexto da virada dos anos 1960 para 1970, o historiador contesta uma perspectiva corrente entre os pesquisadores da Direita Cristã norte-americana de que a mobilização política de setores conservadores do protestantismo norte-americano teria sido uma reação aos anos 1960, especialmente à contracultura. Schäfer busca demonstrar que a relação entre os evangélicos conservadores e a contracultura é muito mais complexa e que “a fusão do cristianismo evangélico e estilos contraculturais, ao invés de seu antagonismo, acabou sendo um dos mais duradouros legados dos anos 1960”.

Na sequência, temos o artigo **Il fondamentalismo islamico: una risposta sbagliata alla domanda di democrazia** de Vincenzo (Enzo) Pace, professor da Università degli Studi di Padova (Itália). Discutindo os desdobramentos da chamada “Primavera Árabe”, o artigo procura mostrar como os movimentos coletivos envolvidos nos protestos nas principais praças das capitais de muitos países árabes, interpretavam a necessidade de mudanças políticas e econômicas que vinham sendo negligenciadas pelos governos desses países. Nesse contexto, pode-se falar de dois tipos de movimentos coletivos aí presentes: movimentos de revolta em uma batalha política pelo advento da democracia e movimentos fundamentalistas em busca do estabelecimento de regimes de fundamentos religiosos e autoritários.

Em **Estado laico e dinâmicas religiosas no Brasil: tensões e dissonâncias**, Marcelo Camurça (UFJF), Emerson José Sena da Silveira (UFJF) e Péricles Andrade (UFS) procuram examinar, em uma perspectiva socio-histórica, aspectos importantes da religião no espaço público brasileiro e “demonstrar a porosidade do sistema público/político brasileiro com o meio religioso.”

Heiberle Hirsberg Horácio (UNIMONTES) apresenta em **Fundamentalismo e religião da política: uma possibilidade da política como religião** uma importante discussão conceitual para os estudos das relações entre religião e política. São analisadas as possibilidades de articulação do conceito de fundamentalismo com o de Religião Política e de Religião Civil bem como as diferenciações entre Religião Política, Religião Civil e Religião Pública.

No artigo **Gianni Vattimo & Jean-Luc Nancy: o fundamentalismo democrático**, Julio Paulo Tavares Zabatiero (FTSA) e Jonathan Michelson de Menezes (FTSA), a partir da interpretação de textos dos filósofos Gianni Vattimo e Jean-Luc Nancy, desenvolvem sua discussão em torno do argumento de que “o pensamento sobre a democracia pode ser, ele mesmo, fundamentalista, de modo que não só os fundamentalistas religiosos são uma ameaça à democracia contemporânea”.

O dossiê prossegue com **A tradução fundamentalista: equivalências hermenêuticas entre teologias exclusivistas e modelos democráticos elitistas**, de Jefferson Zeferino (PUC-PR) e Rodrigo de Andrade (PUC-PR). No artigo, os autores procuram “interpretar a presença pública das igrejas cristãs e de seus representantes políticos com base na tradução como processo hermenêutico que observa o modo das relações entre religião e espaço público”.

Em **Efeitos patológicos do fundamentalismo: O religar como resposta à convivência saudável**, Jovino Pizzi (UFPel) “realiza uma crítica especulativo-filosófica” do discurso fundamentalista e, por outro lado, “pretende ressaltar a proposta de uma con-vivência saudável”. Em contraposição a um fundamentalismo estafalário, responsável por anomias sociais, “o estudo aponta como alternativa uma filosofia da vida”.

Dando início a uma sequência de artigos que abordam a questão do fundamentalismo no contexto político-religioso atual do Brasil, João Décio Passos (PUC-SP) apresenta o texto **Uma teocracia pentecostal? Considerações a partir da conjuntura política atual**. O autor analisa a participação de políticos e lideranças pentecostais na política e no governo brasileiro e argumenta “que os pentecostais atuantes no governo atual buscam um fundamento religioso capaz de superar a crise pela qual estariam passando o Estado e a sociedade brasileira”.

Carlos Alberto Motta Cunha (PUC Minas) discute os impactos da presença de elementos fundamentalistas no meio evangélico brasileiro no artigo **Fundamentalismo à brasileira: perfil e enfoque do Protestantismo de Missão no Brasil**. Partindo dos primórdios do fundamentalismo no protestantismo norte-americano do início do século XX, o autor discute as permanências de tal raiz teológica no protestantismo de missão no Brasil e indica alguns elementos que caracterizariam um “fundamentalismo à brasileira” com seus impactos religiosos e políticos no Brasil contemporâneo.

Em **Evangélicos fundamentalistas e política: uma análise da conjuntura brasileira (2018-2019)**, Breno Martins Campos (PUC Campinas) procura, a partir de uma análise de conjuntura dos últimos anos da política brasileira, “compreender as relações entre evangélicos fundamentalistas e política no Brasil”. Ao longo do artigo, o autor procura discutir alguns elementos das perspectivas fundamentalistas de setores conservadores do meio evangélico brasileiro, em especial o sionismo fomentado por uma perspectiva escatológica dispensacionista, e a sua relação com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018.

Finalizando o dossiê, temos o artigo **Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil**, de Paulo Gracino de Souza Júnior (IUPERJ/UCAM) e Carlos Henrique Pereira de Souza (UERJ). Dialogando com importantes referências das Ciências Sociais e analisando as “movimentações” de grupos evangélicos conservadores na política brasileira, a argumentação do artigo é desenvolvida a partir “da hipótese de que a afinidade que atrai evangélicos e conservadorismo está muito mais ligada às condições discursivas que engendram os sujeitos e suas subjetividades, do que às características intrínsecas à teologia cristã ou, especificamente, evangélica pentecostal”.

A seção de Temática livre desta edição apresenta 4 artigos. O primeiro é **Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica**, de Faustino Teixeira (UFJF). No texto, o autor apresenta e discute o método de orientação acadêmica por ele desenvolvido a partir de sua experiência (de mais de três décadas) como professor e orientador na área de Ciências da Religião e Teologia. “Além de indicar os passos desse método, com observações importantes e práticas, há um exemplo de aplicação sobre como elaborar um artigo”.

Em **As relações interdisciplinares em Ciências das Religiões**, Elisa Pereira Gonsalves Possebon (UFPB) e Fabrício Possebon (UFPB) discutem a importância da interdisciplinaridade para “o campo de conhecimento das Ciências

da Religião”. Além disso, o artigo “destaca a identidade das Ciências das Religiões, enquanto disciplina, e remete para a importância de diálogos interdisciplinares para a produção de novos conhecimentos”.

Carlos Flávio Teixeira (UNASP) trata da discussão das duas espécies de justiça em Martinho Lutero em **A perspectiva das duas espécies de justiça em Lutero como resposta crítica às crises contemporâneas: uma opção do pensar teologicamente a justiça em tempos sombrios**. Além de retomar tal discussão no pensamento do reformador, Teixeira discute a importância dessa discussão no contexto contemporâneo, “destacando a atualidade da perspectiva estudada e sua plausibilidade como opção para o pensar teologicamente a justiça em tempos sombrios”.

No último artigo da seção de Temática Livre, temos o texto **Romarias in lives: ciberdevoções e santuários virtuais em tempo de pandemia**, de Magno Francisco de Jesus Santos (UFRN). No texto, o autor trabalha com “o uso da rede social *Facebook* no processo de informação e transmissão das celebrações em santuários católicos”, analisando a construção de novas práticas (Ciberdevoções) e sociabilidades na religiosidade católica no contexto da pandemia do Covid-19.

Na seção de Temática Livre – Tradução, esta edição de Horizonte traz o texto **Linguagem, epistemologia e mística**, de Steven T. Katz, professor da Boston University (EUA). A tradução do artigo foi realizada por Brasil Fernandes de Barros mestre e doutorando em Ciências da Religião pelo PPGCR PUC Minas. Como apresentado pelo tradutor, o texto de Katz “trata de questões epistemológicas da mística e problematiza uma série de concepções dessa temática”.

Conforme informado no número anterior, esta será a última edição de Horizonte que contará com a seção de Comunicações. Em sua despedida, a seção traz os textos **En la creación, una espiritualidad cristiana que decolonializa**, de Diego Irarrazaval da Universidad Silva Henríquez (Chile), e

**Spirituality and Theology of Creation**, de Elisabeth Steffens, com doutorado pela University of Bremen (Alemanha).

Nas últimas seções desta edição temos resenhas e resumos de teses e dissertações defendidas recentemente em programas de pós-graduação das áreas de Ciências da Religião e Teologia.

Por fim, desejamos a todos uma ótima e proveitosa leitura desta edição de Horizonte. Para os autores interessados em submeter seus textos, a chamada de artigos para os próximos dossiês (2021-2022) já está disponível no nosso site. Que 2021 seja um excelente ano para todos e que consigamos superar, o mais rápido possível, os sofrimentos e adversidades dessa terrível pandemia que enfrentamos.

#### REFERÊNCIAS

APPLEBY, R. Scott. Fundamentalism. *In*: WUTHNOW, Robert (ed.). **The encyclopedia of politics and religion**. London; New York: Routledge, 1998. p. 280-288.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa. **Revista USP**, São Paulo, n. 13, p. 144-156, 1992.

ROCHA, Daniel. Sob o estigma do fundamentalismo: algumas reflexões sobre um conceito controverso. **Horizonte**: revista de estudos de teologia e ciências da religião, v. 18, n. 56, p. 455-484, 2020.

WATT, David Harrington; WOOD, Simon A. **Fundamentalism**: perspectives on a contested history. Columbia: The University of South Carolina Press, 2014.